

# O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA PARA ESTUDANTES SURDOS NA EDUCAÇÃO BÁSICA: PROPOSTA DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA A PARTIR DE GÊNEROS TEXTUAIS.

Antonio Wadan Gomes Cavalcante <sup>1</sup>

## RESUMO

A presente pesquisa tem por objetivo propor uma sequência didática para o ensino de língua portuguesa como L2 para surdos a partir de gêneros textuais. Neste intento, as práticas de ensino nos processos educativos voltados para estudantes surdos na educação básica, ainda, por vezes, são permeadas de resquícios da abordagem oralista. Com o fito de contribuir com o desenvolvimento de pesquisas em educação, mais especificamente, na educação de surdos, esse trabalho visa agregar novos conceitos e novas tangentes nas estratégias acerca da educação das pessoas surdas no contexto da educação básica brasileira, levando em consideração o que preconiza a legislação brasileira sobre educação dos surdos e os novos estudos que encabeçam a temática. Nessa lógica, busca-se compreender quais as estratégias de inclusão do aluno surdo, não focando somente na figura do intérprete de Libras como um importante agente que participa dos processos educacionais, mas, sobretudo, nas metodologias e artefatos que os docentes da educação básica, principalmente de língua portuguesa, podem estar se apropriando para aplicar em suas aulas e que, verdadeiramente, contribuam para o desenvolvimento cognitivo e da escrita do estudante surdo. Posto isso, traçamos como objetivo geral desse estudo: apresentar uma sequência didática com uso de gêneros textuais para aquisição do português em sua modalidade escrita. Diante disso, a metodologia e abordagem empregada no trabalho é a pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e documental. A pesquisa qualitativa trouxe grande e variadas contribuições e avanços no campo do conhecimento na área da educação, permitindo uma compreensão mais genérica dos processos escolares, de ensino, de aprendizagem, de relações, e de aspectos culturais, de socialização dos sujeitos, do cotidiano escolar em suas diversas e múltiplas facetas. Portanto, conclui-se que o ensino de L2 para surdos a partir de sequência didática bem estruturada, é um importante passo para a aquisição da língua escrita.

**Palavras-chave:** Práticas de ensino, Estudantes surdos, Educação básica, Inclusão do aluno surdo, Sequência didática.

## INTRODUÇÃO

O presente artigo aborda a temática do ensino de língua portuguesa – na modalidade escrita – como segunda língua para estudantes surdos, utilizando como recurso a sequência didática com uso de um gênero textual da esfera do cotidiano. Vale destacar, que a escolha pelo gênero da esfera social dos estudantes contribui para um melhor aproveitamento do objeto de conhecimento em estudo, considerando que constantemente fazemos uso dos diversos gêneros: orais ou escritos.

---

<sup>1</sup> Professor da Universidade Estadual do Ceará – UECE e da SEDUC - CE. Mestre em educação PUC - RIO, [wadan.cavalcante@uece.br](mailto:wadan.cavalcante@uece.br).

Nesse estudo, destacaremos o artigo de opinião como objeto de conhecimento dentro da sequência didática, haja vista que é um texto que os alunos têm contato cotidianamente, seja nos livros didáticos, nas notícias cibernéticas ou em espaços diversos. Sendo assim, delineiam-se como objetivo desse estudo as seguintes tangentes: refletir sobre o processo de ensino de língua portuguesa escrita para surdos; propor uma sequência didática para ensinar língua portuguesa como L2 para surdos; e elucidar os benefícios do uso da sequência didática para trabalhar com estudantes surdos.

A língua é uma das principais formas de comunicação e interação entre os seres racionais, é por meio dela que nos socializamos e nos tornamos sujeitos culturais, pertencentes e participantes de comunidades que usam e interagem por meio de um código dotado de sentido, a língua. Entretanto, quando estamos falando do sujeito surdo, essa condição de comunicação e interação se torna problemática, uma vez que a sociedade e o meio em que a maioria dos sujeitos estão inseridos não lhes proporcionam condições favoráveis para o pleno desenvolvimento da comunicação.

Com efeito, um outro fator preponderante que dificulta a aprendizagem da língua materna do surdo é o ambiente familiar. Várias pesquisas já evidenciam que a maioria dos surdos nascem em famílias ouvintes, ou seja, que fazem uso da língua oral. Esse sujeito que nasce e se desenvolve nesse contexto familiar, certamente, não terá uma identidade surda política, pois a própria família, muitas vezes, não se insere dentro da comunidade surda local para ajudar no processo de aquisição da libras. A não inserção da criança surda na comunidade surda local tem implicações severas no processo de desenvolvimento linguístico, o que pode tardar a comunicação.

Por outro lado, a cultura em que nossa sociedade está inserida, tem como língua de prestígio, a língua portuguesa (*oral e escrita*) – estaríamos ainda, ideologicamente, bebendo na fonte dos sofistas? – o que desconsidera e não valoriza a língua brasileira de sinais, gerando alguns estigmas associados à língua, tais como: “*fala com as mãos*”, “*usa a linguagem dos mudos*” ou “*tem a língua presa*” o que descaracteriza e deslegitima as lutas e a cultura do povo surdo em todo o mundo.

Nessa linha tênue, discutir os processos de ensino de segunda língua para surdos, evidencia a necessidade de também repensarmos nossa prática pedagógica em sala de aula, ou seja, como estamos ensinando língua escrita para os alunos surdos? Nessa concepção, não cabe aqui dizer o que deve ser feito e que é o mais correto, no entanto, o que se discute são estratégias e caminhos que podemos adotar para facilitar o processo de ensino, de aprendizagem e de inclusão do aluno surdo na aula de língua portuguesa.

A seguir, conheceremos o percurso metodológico empreendido nessa pesquisa, a proposição de uma sequência didática, os principais marcos teóricos expoentes do estudo e as considerações acerca do escrito. Vale destacar, que esse estudo, como qualquer outro, deixa margem para novas discussões e debates acerca da educação de surdos, principalmente, no que diz respeito à leitura e à escrita.

## **METODOLOGIA**

A pesquisa em tela é um estudo bibliográfico com abordagem qualitativa, em que não se vislumbra quantificar, estratificar numericamente dados, mas, busca-se propor uma reflexão em torno de uma sugestão de um recurso para ser aplicado nas aulas de língua portuguesa com alunos surdos. Nessa lógica, Neves (2015) explica que:

A pesquisa qualitativa não apresenta preocupação com um grande número de dados, pois não há preocupação em demonstrar resultados para a população. Assim, entendemos que a pesquisa qualitativa tem como principal objetivo interpretar o fenômeno em observação. (Neves, 2015, p. 19)

Na temática em tela, busca-se apresentar uma proposta que favoreça ao ensino e a aprendizagem de L2 para estudantes surdos, considerando a heterogeneidade da sala de aula, como sendo um espaço multifacetado e com perfis de discentes distintos. A nossa atenção, portanto, para além de considerar essa heterogeneidade, deve primar também por um currículo que seja acessível a todos os alunos, um currículo flexível, como deve ser. Garantir acesso e permanência sem promover aprendizagem é o mesmo que “*abrir a porta da caverna e não convidar os prisioneiros para saírem em busca de outros mundos*”, “é necessário, pois, garantir a esses estudantes a aprendizagem, conforme pontua a lei de diretrizes e bases.

Ainda no que tange o percurso metodológico desse estudo, ele se desenvolve também a partir de pesquisas bibliográficas e documental que se constituem por meio de leituras de livros, documentos normatizadores, artigos, dissertações e teses que encabeçam tópicos da discussão aqui empreendida. Neste mote, a pesquisa bibliográfica, como importante fonte de construção teórica de um estudo, não foi o único método utilizado, busca-se evidenciar, a partir de experiências pretéritas como professor de língua portuguesa para surdos, a eficácia que a sequência didática pode trazer para o desenvolvimento da escrita de um estudante surdo.

Para Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004) a sequência didática é uma metodologia que desenvolve situações didáticas articuladas e sistemáticas de forma mais restrita do que os projetos. Dessa forma, valo-me de um esquema proposto pelos teóricos supracitados, considerando que é uma estrutura simples e que pode ser aplicada no cotidiano da sala de aula.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Rocha (2020), destaca que o trabalho com os gêneros textuais da esfera do cotidiano dos estudantes, propicia um melhor aproveitamento em termos de aprendizagem, considerando que a materialização dos textos na comunicação humana potencializa o uso e a produção de diversos gêneros ao longo de um turno de fala. Na prática, ou seja, na aula, se torna mais fácil reconhecer e compreender essas estruturas textuais.

Ainda nessa perspectiva, podemos considerar que são textos que circundam e permeiam a sociedade em que os estudantes estão inseridos e que tem por função promover o processo de interação entre esses sujeitos, no caso dos estudantes ouvintes, uma interação verbal, em se tratando de pessoas que fazem uso da língua de sinais – os surdos – uma interação sinalizada. Nesse mote, ao mesmo tempo em que se debate a noção de gênero, discute-se também a forma como essas estruturas se materializam, sendo uma prática, deveras, mais complexa para os surdos, haja vista que estamos tratando de uma L2<sup>2</sup>, uma língua escrita.

Para tanto, o trabalho com os gêneros na aula, em turmas que há a presença de alunos surdos, deve primar pela concatenação e sistematização do estudo. A exemplo disso é que se, verdadeiramente, quisermos ensinar para o aluno surdo o que é, como se estrutura, qual a função social, como se escreve um determinado gênero de texto, precisamos apresentar essas ideias de maneira paulatina, sistemática e de forma pragmática, abdicando-se de abstrações ao máximo, ou seja, buscar sair do plano teórico e tornar prática a aula. Por isso, defende-se, nesse estudo, a necessidade de estudar esses objetos a partir de sequências didáticas, pois facilitará o contato do aluno surdo com o texto, em que ele possa manipular, ver, perceber, cada estrutura, cada parte do texto.

---

<sup>2</sup> Podemos definir L2, como sendo uma segunda língua adquirida, que não seja a língua materna.

A falta de materiais didáticos para trabalhar com estudantes surdos no contexto da educação básica brasileira é um fato bastante corriqueiro no cotidiano das escolas. Em muitas regiões do nosso país, é possível observar a ausência de intérpretes de Libras, por exemplo, um profissional de apoio necessário para o pleno desenvolvimento do estudante surdo. Batista (2020), advoga que:

A escassez de material didático para o ensino de Língua Portuguesa como L2 para surdos faz com que os professores busquem metodologias que possam contribuir para esse ensino e organizem materiais didáticos com a finalidade de fortalecer o aprendizado dos alunos surdos (Batista, 2020, p. 7).

Com a falta de recursos pedagógicos acessíveis aos estudantes surdos, o processo de aprendizagem, por vezes, se torna comprometido. Para além disso, outra problemática que atravessa esse contexto é a própria formação inicial de professores que não oferta condições necessárias à formação de docentes bilíngues para atuarem juntos aos alunos surdos, é o que aponta Bernardo (2020).

## **DISCUTINDO UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA PARA ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA ESCRITA PARA SURDOS**

A sequência didática, conforme o próprio nome já sugere, é uma proposta de ensino metódica que leva em consideração uma sequência de ações previamente planejadas para serem executadas dentro de um determinado objeto de conhecimento. Nesse sentido, podemos ainda compreender essa estratégia como sendo um conjunto conectado de atividades que se relacionam entre si, dependentes e isoladas, dependentes porque uma acontece para que outra possa ser executada e isolada pelo fato de que cada etapa da sequência didática tem objetivos específicos para o momento determinado. Essa sistemática tem como objetivo tornar o processo de ensino e de aprendizagem mais lúdico e dinâmico para os estudantes, podendo ser aplicada em qualquer série e em qualquer disciplina.

A proposta da sequência didática poderá ser aplicada não somente para o ensino de língua portuguesa, outros componentes curriculares também podem adaptar essa metodologia para desenvolver o trabalho pedagógico de maneira mais dinâmica. A possibilidade de aplicar essa metodologia em todas as disciplinas contribui para que o aluno surdo compreenda de maneira genérica todos os assuntos das mais diversas áreas.

O trabalho com a sequência didática de um determinado gênero textual possibilita com que os alunos dominem e compreendam diversos artefatos inerentes aos gêneros, por exemplo: entender a função social, o meio de circulação, a estrutura, os objetivos, para que serve, o suporte.

Ademais, é premente salientar também que essa segmentação da aula em uma sala em que há a presença do estudante surdo, favorece para que os discentes surdos e ouvintes, aprendam sobre determinado conteúdo de maneira sistemática e colaborativa, posto que a proposta pode ser executada em equipes.

A elaboração de uma sequência didática precisa ser bem planejada para que não ocorra falhas no processo, não estamos afirmando que o professor não pode errar, no entanto, durante o planejamento, é necessário que o docente tenha em mente como contornar situações vexatórias que possam acontecer durante a aula. Assim, o professor não poderá pular etapas para avançar o processo e negligenciar o passo a passo da sequência didática.

O esquema abaixo, elaborado por Dolz e Schneuwly (2004), elucida como o docente deve refletir sobre a sua metodologia a partir da concepção da sequência didática, o que poderá facilitar o trabalho caso tenha algum aluno surdo matriculado em sua turma. Observemos.

Figura 1: Esquema de uma sequência didática.



Fonte: DOLZ; SCHNEUWLY, 2004, p.83.

Para melhor compreendermos o quadro acima, abaixo, sistematizo cada etapa para que possamos vislumbrar com mais clareza cada momento da sequência didática. Atente-se para a seguinte questão: não é necessário executar toda a sequência didática em uma única aula. O professor pode eleger 4,5 ou 6 aulas para promover a proposta, cada contexto compreenderá a necessidade da quantidade de aulas necessárias. Para esta sequência, vamos supor que estudaremos o gênero textual “*artigo de opinião*”.

No que tange as etapas da sequência didática propostas pelo esquema acima, podemos observar que o primeiro passo se constitui pela apresentação da situação aos estudantes, neste caso, vale ressaltar que a aula deve ser a mais imagética possível a fim de atingir o aluno surdo. O docente explana para a turma a atividade a ser desenvolvida e exemplifica de maneira concisa com o fito de dirimir todas as dúvidas geradas.

O segundo momento da aula é a produção inicial. Nessa etapa, os estudantes produzirão o material solicitado de acordo com o que aprenderam ou com o que conhecem sobre o assunto. Por exemplo, se o objeto de conhecimento da sequência didática se tratar do gênero artigo de opinião, eles deverão elaborar um texto argumentativo. Essa produção inicial, servirá de base para que o professor observe em que estágio está o conhecimento dos estudantes sobre o assunto, avaliando se eles levaram em conta a estrutura do texto e outros pontos relevantes.

A partir dessa produção inicial, o docente saberá quais pontos não ficaram claros para os estudantes. Sempre reavaliando a necessidade de retomar algum ponto crítico. Essa mesma observação deverá se estender ao aluno surdo. Não é necessário que a escrita do aluno surdo se assemelhe a do aluno ouvinte, devemos considerar, portanto, a semântica do texto, inicialmente, os demais elementos podem ser corrigidos ao longo da aplicação da sequência.

No que tange aos módulos, 1, 2 e 3, Dolz e Schneuwly (2004) apontam que é nessa etapa que o professor, após diagnosticar e conhecer as dificuldades dos estudantes, deverá agir, planejando a aula sobre aquilo que os discentes ainda precisam desenvolver com mais eficácia. Nessa lógica, de acordo com Barros-Mendes, Cunha & Teles (2012, p. 21):

Ao organizar a sequência didática, o professor poderá incluir atividades diversas como leitura, pesquisa individual ou coletiva, aula dialogada, produção textuais, aulas práticas etc., pois a sequência de atividades visa trabalhar um conteúdo específico, um tema ou gênero textual da exploração inicial até a formação de um conceito, uma ideia, uma elaboração prática, uma produção escrita (2012, p. 21).

Nesse sentido, o objetivo é ofertar aos estudantes, suporte e apoio para que eles consigam sanar a dificuldade observada. Por isso, o trabalho de acompanhamento pelo docente, é fundamental para que o estudante consiga atingir os objetivos propostos. É nas etapas dos módulos, que o professor pode sugerir aos estudantes que corrijam o texto inicial, adicionando alguns aspectos que não foram frisados na produção inicial e isso só será possível a partir dessa observação cautelosa.

Em relação ao aluno surdo, é importante notar que ele precisa de um suporte mais personalizado, o professor e o intérprete, juntos, podem facilitar o processo de escrita do texto, é sugestivo que para cada equipe seja entregue um artigo de opinião impresso, tal como fora publicado, assim, facilitará ainda mais, haja vista que o sujeito surdo é visual e valoriza de maneira demasiada essa estratégia no processo de ensino do professor.

Na última etapa da sequência didática, a produção final, é o momento de mobilizar todo o conhecimento construído ao longo dos estudos sobre o gênero textual, é nessa fase que o aluno vai socializar a produção, essa fase também deve ser mediada pelo professor e o processo de observação deve se manter com o objetivo de perceber se, verdadeiramente, os discentes conseguiram consolidar os assuntos abordados em sala de aula.

Caso a equipe tenha escolhido apenas um tema, é importante que cada membro expresse como se deu o processo, desde a escolha da temática, caso o professor tenha deixado em aberto, até a produção final. Esse debate do processo de produção é indispensável, pois é a partir dele que o próprio estudante pode avaliar-se e perceber que evoluiu, ou seja, de um texto que antes, poderia estar permeado de problemáticas de diferentes ordens até o produto final, com qualidade.

Para trabalhar a questão do desenvolvimento da argumentação, o professor pode pedir as equipes plateia que deem opiniões em relação às outras apresentações, assim, podemos vislumbrar também a heterogeneidade de opiniões em uma mesma sala. As produções materializadas em cartazes, vídeos, cartolinas, cadernos ou em qualquer outro material, não devem ser guardadas, muito pelo contrário, se possível, promova uma exposição e convide a turma vizinha para visitar a exposição das produções.

É premente compreender que nem todos os alunos conseguirão evoluir no mesmo ritmo, essa situação é normal e faz parte do processo e do tempo de aprendizagem de cada estudante. O mais importante na sequência didática, é que todos construam juntos o produto final: um artigo de opinião.

Em relação ao aluno surdo, avalie se ele conseguiu consolidar as seguintes habilidades:

- I – Compreendeu o que é um gênero textual;
- II – Compreendeu qual a função daquele texto;
- III – Foi capaz de opinar, argumentar sobre o assunto;
- IV – Compreendeu a estrutura do texto.



Não há habilidade principal ou mais importante a ser consolidada, conforme mencionado anteriormente, cada estudante apresenta um tempo diferente de aprendizagem, se nesta aula não foi possível consolidar a habilidade III ou IV, o professor poderá reestruturar seu plano e retomar no momento posterior com uma breve revisão.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Nesse trabalho, apresentou-se a proposta de uma sequência didática para o ensino de língua portuguesa aos estudantes surdos. É importante lembrar que a proposta didática é apenas mais um recurso visual que o docente pode lançar mão para trabalhar dentro da sala de aula. Em suma, discutir sobre a questão do ensino da língua portuguesa escrita como segunda língua para alunos surdos é debater novos caminhos e possibilidades que ajudem os professores a promoverem a verdadeira inclusão do aluno surdo na sala de aula.

Ao frisarmos a questão da inclusão como uma importante estratégia, devemos considerar que, somente o intérprete em sala de aula acompanhando o estudante, não é garantia de uma inclusão comprometida com o processo de aprendizagem, é oportuno transcender os limites do planejamento, da sala de aula, é necessário inquietar-se e, sobretudo, compreender que a aprendizagem do aluno surdo ou qualquer outro precisa acontecer.

Ainda, é premente considerar que o Programa Nacional do Livro e do Material Didático não distribui materiais adaptados para alunos surdos, o que se configura como uma urgência a ser pensada dentro dessa política, todavia, enquanto não se oportuniza ao aluno surdo a ter acesso ao material na sua própria língua, devemos promover estratégias dentro da nossa aula que dê de conta das dimensões da aprendizagem desse aluno, com vistas ao pleno desenvolvimento do discente.

Ao se propor uma sequência didática, leva-se em conta a sistematização do conhecimento, ou seja, o desencadeamento das ações didáticas, de forma objetiva e cautelosa, respeitando o tempo de aprender de cada sujeito, sem atropelos. Essa estratégia traz benefícios que contribuem fortemente para uma aprendizagem significativa do estudante, pois quando se utiliza a sequência didática como recurso do processo de ensinagem, promove-se uma aproximação maior entre estudante e objeto de conhecimento, o que torna significativa a aprendizagem. Para além dessa aproximação, o aluno será capaz de reconhecer e perceber que ele faz uso cotidianamente de vários

gêneros textuais, certamente, de forma desestruturada. Com a proposta didática, é possível evidenciar para o aluno surdo que o processo de aquisição da escrita deve ser flexível, paulatino, planejado, pensando, feito e refeito.

Com efeito, apesar da imposição legal, em que obriga-se a pessoa surda a aprender o português escrito, é urgente (re)pensar a abordagem que fazemos em sala de aula com esses alunos, desde os anos iniciais até o ensino médio e, quiçá, a universidade. Como ensinamos língua para alunos surdos? Qual a melhor forma? Qual caminho seguir? Qual o passo a passo? São algumas perguntas carentes ainda de respostas, ou talvez, a resposta seja pragmática, só saberemos quando recebermos um aluno surdo. Não há como prepara-se antecipadamente, não podemos e nem devemos rotular, padronizar, encaixotar estratégias, cada estudante surdo, chega à sala de aula com um conhecimento diferente, e é a partir dessa diferença que partiremos, juntos, sem segregações. Por isso, o melhor caminho a se percorrer no processo de ensino de língua escrita para surdos, desde os anos iniciais, é considerá-lo como aluno e que precisa aprender, assim como os demais.

Encerro, interinamente, essa reflexão, frisando que não há uma receita correta e pronta para se incluir, o que precisamos ter em mente é que todos devem aprender. Aprender o quê? O que for significativo para o estudante, é necessário, portanto, entender que significativo é aquilo que ele usa/rá, assim, a sequência didática com gêneros textuais do cotidiano ajuda ao aluno a entender que produz e materializa, a cada minuto, mesmo que de maneira abstrata, texto, linguagem, comunicação, interação e isso é significativo.

## REFERÊNCIAS

BARROS-Mendes, A.; Cunha, D. A.; Teles, R. Organização do trabalho pedagógico por meio de sequências didáticas. In: **Pacto nacional pela alfabetização na idade certa: alfabetização em foco. Projetos didáticos e sequências didáticas em diálogo com os diferentes componentes curriculares: ano 03, unidade 06** /Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. Brasília: MEC, SEB, 2012. 47 p.

BATISTA, J. M. **A sequência didática no ensino de língua portuguesa como L2 para surdos.** Artigo (Especialização em ensino de língua portuguesa como L2 para surdos) – Instituto Federal da Paraíba. Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação. Pesquisa e Inovação, p.19, 2020.

BERNARDO, N. P. **Dificuldades enfrentadas por alunos surdos quanto à aprendizagem de L2 na cidade de Belém- PB.** Artigo (Especialização em ensino de língua portuguesa como L2 para surdos) – Instituto Federal da Paraíba. Pró-Reitoria de Pesquisa, Inovação e Pós-Graduação. Pesquisa e Inovação, p.19, 2020.

DOLZ, J.; NOVERRAZ, M.; SCHNEUWLY, B. Sequências didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento. In: SCHNEUWLY, Bernard; DOLZ, Joaquim; e col. Gêneros orais e escritos na escola. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004, p.95-128.

NEVES, M. O. A importância da investigação qualitativa no processo de formação continuada de professores: subsídios ao exercício da docência. **Revista Fundamentos**, **V.2, n.1, 2015**. Revista do Departamento de Fundamentos da Educação da Universidade Federal do Piauí. ISSN 2317-2754

ROCHA, A.; GABRIELLE A. **A importância dos gêneros textuais no processo de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa**. Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 05, Ed. 03, Vol. 10, pp. 18-32. Março de 2020. ISSN: 2448-0959, Link de acesso: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/letras/importancia-dos-generos>